



FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS DE SERGIPE
NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM LIBRAS: TRADUÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ENSINO

Tâmara Franciele Santos Freitas

Línguas diferentes, compreensão distorcida.

Aracaju/SE ____ de _____ de 2018

Tâmara Franciele Santos Freitas

Relatos dos alunos surdos sobre sua experiência durante o processo de aquisição da língua portuguesa.

Trabalho de conclusão de concurso apresentado ao Núcleo de Pós-Graduação e Extensão – NPGE, da Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe – FANESE, como requisito para obtenção do título de Especialista em LIBRAS: Interpretação, Tradução e Ensino.

Marlene Cardoso

Mônica Goes

Tâmara Franciele Santos Freitas

Aprovada com média: _____

Aracaju (SE), _____ de _____ 2018.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	6
2- A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS).....	7
3 - AQUISIÇÃO DA PRIMEIRA LÍNGUA: SURDO (LIBRAS) X OUVINTE (PORTUGUÊS)	9
4- PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA	11
5- ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	12
5.1- O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	15
6- CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS.....	22
APÊNDICE	23

RESUMO

O presente trabalho, que tem como título: Línguas diferentes, compreensão distorcida apresenta alguns pontos de vistas de alunos surdos do ensino básico referente à sua experiência durante o processo de aquisição da língua portuguesa. Por ter sido observado algumas reações inesperadas, acerca do desempenho deste público diante do processo de conhecimento da língua portuguesa (LP) na modalidade escrita, surgiram às seguintes questões problematizadoras: Qual o pensamento dos surdos sobre a escrita da língua portuguesa? Até que ponto a metodologia utilizada pelos professores facilita o processo de aprendizagem desta língua? Esta pesquisa teve como objetivo conhecer as experiências e opiniões de alguns surdos referentes à aquisição da língua portuguesa na modalidade escrita, e como específico, investigar como os alunos aprenderam uma segunda língua, descrever como ocorre esse processo de ensino-aprendizagem e descobrir qual o verdadeiro significado que a mesma possui para eles. A metodologia utilizada nesse estudo de caso foi, quanto aos objetivos, exploratória – descritiva com abordagem qualitativa, e quanto ao objeto foi uma pesquisa participante. Utilizou-se um questionário para 5 surdos, sendo devolvidos 3 unidades. Os resultados evidenciam que ainda é necessária uma melhoria no ensino - aprendizagem de uma L2 e que a L1 é a base para aquisição de uma segunda língua, além da necessidade de uma metodologia adaptada para este público, ambas as línguas devem ser ensinadas e relacionadas umas com a outra para que haja reconhecimento das mesmas por igual.

Palavras – chaves: língua portuguesa, surdos, aprendizagem.

¹ Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe.

ABSTRACT

The present work, titled: Different Languages, Distorted Understanding presents some points of view of deaf primary school students regarding their experience during the Portuguese language acquisition process. Because some unexpected reactions were observed, about the performance of this public before the process of knowledge of the Portuguese language (LP) in the written modality, the following problematizing questions arose: What is the deaf's thinking about the writing of the Portuguese language? To what extent does the methodology used by teachers facilitate the learning process of this language? This research aimed to know the experiences and opinions of some deaf people regarding the acquisition of the Portuguese language in written mode, and how specific, to investigate how students learned a second language, describe how this teaching-learning process occurs and find out what the true meaning it has for them. The methodology used in this case study was, as far as the objectives, exploratory - descriptive with a qualitative approach, and the object was a participant research. A questionnaire was used for 5 deaf people, with 3 units being returned. The results show that it is still necessary to improve the teaching and learning of an L2 and that L1 is the basis for acquiring a second language, besides the need for a methodology adapted for this public, both languages must be taught and related one with the other so that they can be recognized equally.

Key - words: Portuguese language, deaf, learning.

1- INTRODUÇÃO

No século XV predominava a ideia de que os surdos não poderiam ser educados e, até o final deste século não existia nenhuma escola especializada para trabalhar com esse público, existiam apenas pessoas ouvintes que tentavam ensinar os surdos a oralizar e a escrever. A partir do século XVI começaram a admitir que os surdos fossem capazes de aprender, mas insistiam em ensiná-los a falar e a compreender a língua falada com o intuito de que estes pudessem desenvolver seus pensamentos, adquirir conhecimento, para poderem se comunicar com a sociedade ouvinte.

Segundo Charles M. De L'Épée² (1712 – 1789) as pessoas responsáveis por educar os surdos deveriam primeiro aprender com eles para depois estabelecer uma forma de comunicação, só assim, utilizando-se desta forma de comunicação é que poderiam ensinar aos surdos a língua falada e escrita do grupo social em que este fazia parte.

Em 1880, após a realização do II Congresso de Milão³ surgiram algumas filosofias relacionadas à educação de surdos, sendo elas: oralismo, comunicação total e o bilingüismo.

Atualmente aqui no Brasil, de acordo com a lei 10.436 que foi aprovada em 22 de abril de 2002, consta no parágrafo único que a língua de sinais não pode substituir o português na modalidade escrita. Desta forma, fica evidente que a filosofia utilizada neste país é o bilingüismo já que permite o uso da língua de sinais sem abrir mão da língua majoritária.

De certo, tomaremos como objeto desta pesquisa alguns pontos de vistas de alunos surdos a respeito desta língua, ao refletirmos sobre o assunto, indagamos sobre: O que os surdos pensam acerca da escrita da língua portuguesa (LP)? A metodologia utilizada pelos professores facilita o procedimento de aquisição da mesma?

² O primeiro estudioso que se dedicou ao estudo da língua de sinais utilizada pelos surdos franceses, e o responsável por fundar a primeira escola pública para surdos em Paris.

³ Marco histórico na educação de surdos, em que ficou proibido o uso da língua de sinais e aderiram o método oralista.

Devido às problemáticas como essas que o objetivo desta pesquisa é conhecer a partir do relato dos alunos a sua experiência ao se deparar com o estudo da LP na escola, e específico, investigar como os mesmos adquiriram uma segunda língua, descrever como foi esse processo de aquisição e descobrir o verdadeiro significado da língua portuguesa para eles.

A metodologia utilizada neste estudo de caso foi, quanto aos objetivos, exploratória – descritiva com abordagem qualitativa, e quanto ao objeto foi, uma pesquisa participante.

O interesse pelo tema surgiu em 2016 após ter contato com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) durante a graduação (Letras Português), quando passei a ter conhecimento sobre a realidade dos surdos no processo educacional e a baixa quantidade de profissionais habilitados em LIBRAS.

A partir daquele momento, despertou-se o interesse de ensinar a língua portuguesa para este público, foi então que comecei a refletir sobre as metodologias que utilizaria para trabalhar o português como segunda língua para surdos.

Mesmo havendo inúmeros trabalhos que tratam sobre metodologias para o ensino da LP para surdos, notei durante a minha convivência em sala de aula como intérprete, que os resultados obtidos ainda não são satisfatórios.

Apesar dos alunos copiarem tudo o que está escrito no quadro e das tentativas de escrever frases ou textos sozinhos, percebi que para alguns deles a compreensão do que estava escrito só aconteceria se fosse interpretada em LIBRAS. Foi então que decidir ir afundo com as pesquisas na tentativa de descobrir através dos relatos das experiências dos alunos como posso enquanto professora de Língua Portuguesa ajudar futuros alunos surdos a compreenderem a LP sozinhos.

2- A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS (LIBRAS)

Antes de comentar a respeito do processo de aquisição de uma língua, é de suma importância compreender o que é a LIBRAS, de início precisamos quebrar a mistificação de que a língua brasileira de sinais é universal. Assim, da mesma forma que cada país possui uma língua oral, também possui uma língua de sinais.

Para a autora Audrei Gesser (2009) esta língua não pode ser considerada como artificial, segundo a autora “Consideram-se artificiais as línguas construídas e estabelecidas por um grupo de indivíduos com algum propósito específico.” (GESSER, 2009, pg.12).

Logo, para ser artificial a língua precisa ser pensada, planejada para então ser construída, nesse caso, ela surgiu naturalmente através de um grupo cultural do povo surdo. Vale ressaltar que a língua de sinais não é uma versão sinalizada de uma língua oral, a mesma tem uma estrutura própria, é autônoma.

Conforme Gesser (2009) a gramática da língua de sinais possui cinco parâmetros, sendo eles: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA), movimento (M), orientação da palma da mão (O) e expressões não manuais podendo ser faciais ou corporais. O primeiro parâmetro refere-se à forma da mão durante a realização do sinal, o segundo mostra que o sinal tem uma direção e, a depender do sinal, a sua inversão pode alterar o significado.

Já o terceiro parâmetro refere-se ao local onde será realizado o sinal podendo ser em alguma parte do corpo, o quarto pode ou não estar presente em alguns sinais e o quinto é elementos gramaticais que compõem a estrutura da língua. Diante disso, fica claro que a LIBRAS não pode ser considerada uma mímica, já que a mímica é responsável por mostrar como o objeto é na realidade e na LIBRAS para cada objeto há um sinal específico. (GESSER, 2009).

Apesar de ser uma língua completa, em 1880 após o Congresso de Milão foi decretado à proibição do uso das línguas de sinais:

Acreditava-se que o uso de gestos e sinais desviava o surdo da aprendizagem da língua oral, que era a mais importante do ponto de vista social (LACERDA, 1998, p. 13)

Desta forma, passaram somente a utilizar o método oralista, a língua de sinais foi banida das escolas, restando apenas à língua oral como meio de comunicação. Durante muitas décadas utilizaram essa abordagem, mas não apresentaram bons resultados, pois os surdos profundos não conseguiram desenvolver uma fala satisfatória, sendo que essa aquisição era considerada tardia comparada com os ouvintes.

Em seguida, foi desenvolvida uma proposta conhecida como a comunicação total, a mesma aceitava qualquer forma de comunicação, gesto, mímicas, o importante era a criança comunicar-se com o outro, sem descriminá-

la por não ter o domínio da língua oral. Por fim, surgiu o bilingüismo que pressupõe a exposição do surdo a duas línguas, sendo a primeira a língua de sinais e a segunda escrita da língua majoritária.

3 - AQUISIÇÃO DA PRIMEIRA LÍNGUA: SURDO (LIBRAS) X OUVINTE (PORTUGUÊS)

A língua é um importante meio de comunicação que permitir interagir com outros indivíduos do mesmo contexto social, mas antes de adquirir uma língua, ocorre a aquisição de uma linguagem que ajudará no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

A linguagem é um importante fator para o desenvolvimento e aprendizagem. A língua oral seria uma base lingüística indispensável para que as habilidades de leitura e escrita se estabelecessem. (MOUSINHO, 2008, p.298)

Segundo Mousinho (2008), a linguagem é adquirida no período de 0 a 5 anos, durante esse processo a criança inicia a balbuciar na fase de 0-3 meses, vocaliza com controle tonal e intensidade de 9-10 meses e a partir de 1 ano, a criança começa a pronunciar alguns fonemas nasais e semivogais, iniciando seu vocabulário com 50 palavras, utilizando estruturas silábicas simples.

Ao passar dos anos o número de palavras em seu vocabulário aumentam, e as estruturas silábicas que antes eram simples vão se tornando complexas, até que aos cinco anos a criança já apresenta uma fala fluente sendo capazes de responder a perguntas simples relacionadas a essas histórias.

Já com a criança surda, essa aquisição dependerá do contexto familiar em que a mesma estará inserida, o surdo que é filho de pais surdos terá contato com a língua de sinais desde cedo, desta forma, a aquisição dessa linguagem acontecerá de forma natural, tornando a língua de sinais sua língua materna.

Assim, ela terá acesso a sua primeira língua viso-espacial ao mesmo tempo em que o ouvinte tem acesso a uma língua oral-auditiva:

As crianças surdas com acesso a língua de sinais desde muito cedo, desfrutam da possibilidade de adentrar o mundo da linguagem com todas as suas nuances.

(RONICE E MAGALI, 2006, p.19)

Caso ocorra esse contato, a criança surda ao atingir dois anos possuirá um número restrito de configurações de mãos, além de fazer o uso das expressões faciais com intuito de marcar sentenças interrogativas, movimentos com a cabeça para expressar a negação, começa a utilizar os classificadores que: “são sinais que utilizam um conjunto específico de configurações de mãos para representar objetos incorporando ações. ” (RONICE E MAGALI, 2006, p.20).

Ao atingir os três anos, durante a produção de sinais as crianças passam a fazer o uso de configurações um tanto que complexas, mas continuam a expressá-las por meio de configuração de mão mais simples. Nesta fase elas começam a relatar os fatos ocorridos em casa, durante o seu cotidiano, da mesma forma que as crianças ouvintes da mesma faixa etária apresentam algumas estruturas difíceis para o entendimento durante a fala, ocorre com os surdos durante a sinalização.

Aos quatro anos, elas começam a falar de forma mais estruturadas, tanto as configurações de mãos, quanto as expressões faciais combinam com a estrutura produzida.

Já para aqueles surdos que são filhos de pais ouvintes, a forma de aquisição da primeira língua varia de acordo com o motivo que a fez perder a audição e a situação financeira da família em que esta faz parte. No caso da criança que após nascer, aprender a língua oral do país em que vive, por algum motivo adquiriu a surdez, mesmo com a surdez profunda ela conseguirá desenvolver a linguagem oral com o auxílio de uma terapia fonoaudiológica e uso de prótese.

Por outro lado, se a criança já nasce surda dependerá da classe econômica da família que esta faz parte, sendo que normalmente fazem parte de classes econômicas menos favoráveis o que contribui no atraso em diagnosticar a surdez.

Em alguns casos, quando a surdez é diagnosticada já em idade avançada, muitos pais por falta de informação, não aceitação, ou até mesmo por sustentar a esperança de que seus filhos possam ser curados, optam pelo uso de aparelhos auditivos, terapias fonoaudiológicas, ou implante coclear, o que contribui para a aquisição tardia da língua.

4- PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LÍNGUA

Como já mencionado anteriormente, o fato do aluno surdo possuir como L1 a língua de sinais não significa que a mesma possa substituir a língua majoritária do seu país na modalidade escrita. Portanto, será por meio da língua portuguesa que os surdos poderão fazer qualquer atividade considerada simples dentro da comunidade ouvinte sem a presença de um intérprete ou alguém da família que tenha conhecimento da LIBRAS.

Por causa da perda auditiva, muitos surdos chegam à escola com pouco conhecimento a respeito da língua portuguesa, dessa forma é papel da instituição de ensino inseri-los na modalidade escrita, aproveitando o fato de eles serem mais visuais, garantindo assim o acesso a esta língua.

O processo de aprendizagem da língua portuguesa se diferencia entre os ouvintes e os surdos, até recentemente os professores trabalhavam com a questão da memorização das regras gramaticais, metodologia essa que não contribuiu para resultados satisfatórios. É de suma importância a utilização da primeira língua como base para chegar ao objetivo desejado na aprendizagem da segunda língua, pois possibilitará uma ampliação do conhecimento de mundo e da língua que está sendo o objeto de estudo, permitindo aos alunos atribuir sentidos ao que eles leem e escrevem.

Segundo Ronice e Magali, o ensino de português para surdos ainda é baseado no ensino para o ouvinte:

[...] a criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada em português seguindo os mesmos passos e materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes de português. (2006, p. 22).

Para as autoras o ensino da LP precisa mostrar às diferenças e semelhanças comparadas a língua de sinais, além de ressaltar os valores sociais de cada uma. Segundo elas, os surdos precisam aprender como utilizar as regras gramaticais do português na prática, e não memorizar conceitos e definições, mas para que isso ocorra é necessário que a criança seja primeiro alfabetizado na sua língua materna para depois ser alfabetizado em uma segunda língua.

Uma das formas de alfabetizar os alunos surdos em sua L1 seria o registro das produções dos mesmos durante o relato de uma estória, seja sobre

seu cotidiano ou uma produção literária simples, esse registro pode ser por meio de vídeo, com o intuito de levar os alunos a lerem a língua de sinais, refletirem sobre a complexidade de sua língua e explorarem os aspectos gramaticais da mesma.

Após a aquisição da sua L1 o surdo deve ser apresentado ao português escrito, durante o processo de aprendizagem de uma segunda língua é notável alguns estágios de interlínguas, que não representam nem a primeira nem a segunda língua.

Em seu texto, as autoras citam Brochado (2003) para falar sobre esses estágios, e mostra que no primeiro a criança faz registro na escrita, mas apresentam frases curtas, com erros ortográficos, usa a flexão inadequadamente, além de não fazer uso de elementos gramaticais.

Já no segundo estágio elas passam a fazer uso de artigos, preposições e expressões gramaticais de forma inadequada, embora façam uso do emprego da flexão verbal adequadamente. Por fim no terceiro, a criança surda já é capaz de escrever de forma mais organizada, apresentando erros ortográficos de ordem visual e discurso direto.

5- ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Expor um aluno surdo diante de uma língua oral-auditiva mesmo na modalidade escrita, não é tão simples. É preciso uma metodologia própria, adaptada para o público alvo, para que se obtenha o resultado esperado. Apesar da existência de vários trabalhos sobre o ensino de português para surdos é notável que os resultados obtidos estejam longe do esperado, é possível, nos dias de hoje, encontrar alunos que estão na escola há anos e não teve avanço na aprendizagem da L2.

Recentemente, foi realizada uma entrevista com alguns surdos em busca de algumas respostas acerca do processo de aprendizagem da língua portuguesa e qual a importância desta língua para o público entrevistado. Foram distribuídos cinco questionários, sendo que apenas três foram respondidos, a aplicação dos questionários foi feita em Libras e as respostas foram transcritas em português pelo pesquisador.

Os surdos entrevistados têm entre 11 e 19 anos, e todos atualmente estudam em uma escola inclusiva, sendo que dois cursam nível fundamental

maior (chamaremos de 1º aluno e 2º aluno) e apenas um estar cursando o nível médio (3º aluno). Os mesmos são filhos de pais ouvintes e nenhum deles sabem Libras.

Segundo FERNANDES, Eulália (2012):

Diferente das crianças surdas, filhas de pais surdos, que adquirem a língua de sinais no convívio familiar, as filhas de pais ouvintes comumente chegam à idade escolar sem o conhecimento de uma língua. (2012, pg. 81)

Essa foi à realidade dos alunos entrevistados, infelizmente pelo fato da família não conhecer a Língua de Sinais, durante a fase inicial da sua infância, estes alunos cresceram sem ter o conhecimento de uma língua, fazendo apenas uso de gestos para poder comunicar-se com a sua família.

É sabido que a primeira língua é de suma importância para aquisição de uma segunda, como já mencionado em um dos tópicos anteriores, só após o conhecimento da sua língua materna, de conseguirem lê a língua de sinais, compreenderem a estrutura desta língua e explorarem os aspectos gramaticais que os alunos estarão prontos para iniciarem o estudo de uma segunda língua. (RONICE E MAGALI, 2006).

Isso não ocorreu com os entrevistados, ambos iniciaram seus estudos aos três anos, nenhum deles tinha conhecimento da Língua Brasileira de Sinais, chegaram à escola literalmente como uma folha em branco, sem conhecimento da sua língua materna e muito menos sabiam sobre a existência de uma segunda língua.

Questionados sobre o ingresso deles na escola, o 1º aluno relatou que iniciou seus estudos em outro estado e ficou na escola inclusiva até a mãe perceber que não havia evolução na aprendizagem da L1, até o momento em que a mãe preocupada com o seu filho resolveu morar em Sergipe, para que o mesmo pudesse estudar em uma escola bilíngüe, podendo então, desenvolver a língua de sinais.

O mesmo ocorreu com o 2º aluno, ao chegar a escola inclusiva, em uma cidade do interior no estado de Sergipe, sem conhecimento algum e sem a presença de intérprete, durante os anos iniciais, o período em que se encontrava na escola ficava apenas desenhando. Com o passar dos anos, a aluna relatou que chegou um momento em que a professora passou a exigir que a mesma

começasse a escrever em português, e a única reação que a aluna tinha era chorar já que não compreendia o que estava acontecendo.

A autora FERNANDES (2012) fala que:

[...] a língua de sinais nem sempre é aceita ou considerada pelo interlocutor no processo de leitura, de tradução e construção de sentidos de texto. (2012, pg. 65)

Logo, fica evidente que, de acordo com o relato do aluno, não existia uma aceitação da língua de sinais por parte da professora, ela simplesmente tratava o aluno como sujeito ouvinte, exigindo do mesmo a compreensão de uma língua basicamente sonora, utilizando a mesma metodologia que já utilizava com os outros alunos, no caso os ouvintes.

Somente após um ano, o aluno 2º começou a freqüentar uma nova escola, e ficou matriculado nesta instituição até os 11 anos. Segundo ele, durante o tempo que estudou neste lugar sentia-se sem chão, incapaz, apesar da sua mãe fazer de tudo para ajudá-lo não tinha êxito, até o momento em que seus pais matricularam em uma escola bilíngüe.

De início a escola bilíngüe proporcionou o ensino da língua de sinais, apesar de ser uma aquisição tardia, automaticamente esta língua passou a ser a língua materna desta criança. Segundo o aluno, em apenas um ano estudando nessa instituição e tendo conhecimento da L1, foi o suficiente para começar a compreender e olhar para a comunidade surda com outros olhos, passando a ter entendimento do que acontecia no seu cotidiano, sentindo-se envergonhado por não ter tido contato com surdo anteriormente.

O fato de o aluno declarar que sentiu vergonha sobre não ter tido contato com surdos no passado, nos mostra a importância da identidade surda, os autores SANTANA, Ana Paula e BERGAMO, Alexandre (2005) falam que:

[...] O que ocorre, na verdade, é que, em contato com outro surdo que também use a língua de sinais surgem novas possibilidades interativas, de compreensão, de diálogo, de aprendizagem, que não são possíveis apenas por meio da linguagem oral. (2005, pg. 567)

Quando um surdo se depara com outro sujeito surdo, nota que este sujeito possui características diferentes das pessoas que ele estava acostumado a ter contato, que no caso essas pessoas seriam seus familiares ouvintes, e percebe uma semelhança existente entre ele e o outro, só a partir dessa percepção que começa a existir uma construção de conhecimento e

reconhecimento do grupo ao qual este surdo pertence, fazendo assim uma troca de experiências pessoais passando a conviver com essa comunidade.

O 3º aluno iniciou seus estudos em uma escola bilíngüe, também aprendeu a língua de sinais tardiamente, já que ele só ingressou na escola aos três anos, sem conhecimento algum. Vale ressaltar que, como mencionado anteriormente na pesquisa, de acordo com as autoras RONICE e MAGALI (2006) a criança surda que tem o contato com a LS desde muito cedo, ao atingir três anos conseguem relatar histórias pertencentes ao seu cotidiano, o que não foi o caso desses alunos.

Infelizmente nessa idade a maioria não sabia nem da existência dessa língua, e tiveram a triste experiência, como por exemplo, o 2º aluno, de ter contato com uma L2 antes do tempo.

5.1- O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Após a estruturação do pensamento, que é obtida a partir da aquisição da língua de sinais, o aluno pode iniciar seus estudos da língua portuguesa na modalidade escrita. Temos consciência de que será através da língua portuguesa que o surdo terá certa autonomia, já que este passará a resolver problemas considerados simples para os ouvintes sem o auxílio de intérprete ou de um familiar.

De acordo com as autoras AVELAR e FREITAS (2016):

[...] O conhecimento da Língua Portuguesa é essencial para os estudantes Surdos que almejam maior conhecimento, pois a estrutura do Português os ajuda a repensar os processos de escrita e leitura. Esse, contudo, não é o único elemento a ser considerado nesta reflexão. Na leitura, é necessário que sejam estabelecidas relações de significado entre a Língua Portuguesa e a Libras. (AVELAR e FREITAS, 2016, pg. 15)

Logo, entende-se que a língua portuguesa só fará sentido para o sujeito surdo, se o ensino da mesma vier relacionado com sua primeira língua, desta forma haverá a valorização de ambas as línguas, e os alunos terão consciência da sua necessidade em aprender o português.

Questionados durante a entrevista sobre como ocorreu o processo de aquisição da Língua Portuguesa, os surdos responderam que:

- 1º Aluno, 11a, 6º ano do ensino fundamental.

Comecei a aprender apenas vocabulários, depois de certo tempo passei a aprender o vocabulário e o sinal, até o dia em que passei a produzir frases e depois textos.

- 2º Aluno, 15a, 9º ano do ensino fundamental.

No início aprendia apenas palavras soltas sem estar relacionadas a um contexto, sem entender o significado, eram apenas palavras que eu precisava decorar. Depois que passei a estudar em outra escola foi que comecei a aprender a palavra e o sinal, foi quando entendi o significado, a professora passava atividades que tinha o desenho de um objeto para escrever o nome abaixo do desenho.

- 3º Aluno, 19a, ensino médio.

No começo aprendi só palavras, sabia apenas uma palavra “casa”, depois comecei a questionar os sinais dos objetos e como escrevia a palavra, com 10 anos comecei a fazer frases, com 13 passei a escrever texto. Gostava de escrever para minha mãe, ela trabalhava muito, e eu escrevia para ela.

Diante das respostas dos entrevistados, nota-se que diferente do que AVELAR e FREITAS (2016) expõe sobre a necessidade de relacionar as duas línguas para obter um significado, estes alunos passaram a ter aprendizagem da língua portuguesa antes mesmo de ter conhecimento da língua de sinais.

Desta forma, o ensino isolado da LP, fazia com que essa língua fosse mais valorizada do que a L1, já que não existia essa relação mencionada pelos autores, a partir do momento em que passou a existir a relação da LP com LS, os alunos começaram a compreender a LP, facilitando a aprendizagem desta língua.

Levando em consideração o fato de que os pais não sabem LIBRAS, surgiu uma dúvida sobre como acontecia os estudos em casa, questionados se os pais auxiliavam nas atividades que o professor passava para serem respondidas em casa, os surdos responderam:

- 1º Aluno, 11a, 6º ano do ensino fundamental.

Minha mãe ajuda, mas ela não sabe LIBRAS, explica oralmente, às vezes entendo, outras não consigo entender nada.

- 2º Aluno, 15a, 9º ano do ensino fundamental.

Tenho a ajuda da minha mãe, ela sabe um pouco de LIBRAS, explica nome de sinais que não conheço e como usar a palavra em contexto. Tem vezes que entendo, quando não entendo procuro aprender sozinha na internet.

- 3º Aluno, 19a, ensino médio.

Minha mãe tenta me ajudar, mas ela não sabe LIBRAS, ensina oralizando, eu sei um pouco de leitura labial, mas às vezes não entendo.

É perceptível que há uma tentativa por parte das mães para ajudar seus filhos, mas nem sempre conseguem pelo fato da falta de comunicação. Vale ressaltar que o 1º aluno possui implante coclear, por esse motivo a mãe só se comunica com ele através da oralização.

Todos os alunos admitem gostar da língua portuguesa, mas confessa que acham essa língua um pouco confusa, eles falam que fazer frases é fácil, só que produzir texto é muito difícil, por causa da existência dos verbos que dependerão do tempo verbal para utilizar a conjugação correta, além disso, os diferentes tipos textuais também complicam por causa das diferentes estruturas.

Como já mencionado anteriormente um pouco mais acima no texto, esse processo que passa de frases curtas, com alguns erros ortográficos, até conseguir produzir pequenos textos nada mais é que os estágios de interlínguas. (BROCHADO, 2003).

Em relação ao gosto pela leitura, se tinham o hábito de ler livros, e se os professores indicavam livros que deveriam ser lidos os alunos responderam:

- 1º Aluno, 11a, 6º ano do ensino fundamental.

Mais ou menos, como não conheço muitas palavras a leitura fica enjoada, então paro de lê. O professor nunca pediu para lê livros.

- 2º Aluno, 15 a, 9º ano do ensino fundamental.

Um pouco, tem várias palavras que não conheço, mas sempre procuro entender sozinha. O professor nunca pediu para lê livros, sempre entregava textos.

- 3º Aluno, 19 a, ensino médio.

Amo lê turma da Mônica, porque tem imagens e me ajuda a entender o que está escrito. O professor nunca pediu para lê livros.

Apesar da tentativa dos alunos, que por conta própria buscaram conhecimentos sozinhos a partir do momento em que iniciaram a leitura de

algum livro, é evidente que a falta de estímulos fez com que eles parassem diante das dificuldades.

Segundo os autores AVELAR e FREITAS (2016):

A prática de leitura e de escrita em Língua Portuguesa faz com que seus aprendizes treinem os aspectos ortográficos e gráficos próprios das estruturas dessa língua. Uma estratégia para o professor de Língua Portuguesa como L2 seria organizar um desafio em Português... (2016, pg. 17)

O que mostra a pesquisa é que só tendo contato com a leitura que o surdo conseguirá melhorar a sua escrita, e uma das formas de desafiar os surdos seria pedindo para que lesse uma história e depois explicasse em língua de sinais a sua interpretação a respeito do que foi lido.

Para que isso ocorra com sucesso, é necessário que o professor venha utilizar uma metodologia adapta, pensada exclusivamente para este público.

QUADROS, Ronice Muller (2006), apresenta em seu livro: “Ideias para ensinar português para alunos surdos” que:

As atividades sugeridas aos professores objetivam chegar na leitura e escrita da língua portuguesa como segunda língua. Assim, as atividades sempre são antecedidas pela leitura de texto em sinais. (2006, pg. 40)

O processo de leitura dos textos, feita pelos professores com ou sem ajuda dos interpretes, em língua de sinais é de suma importância, pois fará a contextualização do tema que será trabalhado antes dos alunos terem contato com o texto escrito, só assim eles conseguirão compreender a atividade, praticando a leitura e a escrita.

A autora mostra também:

O professor precisa preparar as atividades de leitura visando um e/ou outro nível de acordo com as razões que levaram os alunos a terem interesse em um determinado texto. Neste sentido, a motivação para ler um texto é imprescindível. (2006, pg. 41)

É de suma importância que o sujeito surdo saiba o porquê e para que vai ler um determinado texto. Como forma de estímulo, os textos selecionados pelos professores precisam fazer parte do interesse do aluno, para que durante o ato da leitura o professor possa realizar algumas interferências, a fim de

instigar certa curiosidade nos alunos durante o desenrolar dos fatos presentes no texto a ser lido.

Por fim, durante a entrevista foi perguntado aos alunos surdos qual a importância da língua portuguesa para eles, ambos responderam:

- 1º Aluno, 11a, 6º ano do ensino fundamental.

No futuro quero estudar em uma faculdade, preciso aprender português para melhorar a comunicação.

- 2º Aluno, 15a, 9º ano do ensino fundamental.

Sabendo escrever em português vou conseguir viver melhor na sociedade, porque vai melhorar a comunicação com os ouvintes, se a pessoa não sabe Libras é só escrever em português. No futuro quero estudar na faculdade, preciso saber português

- 3º Aluno, 19a, ensino médio.

Preciso aprender português para conseguir melhorar a comunicação com as pessoas, ter liberdade, autonomia, conseguir resolver meus problemas sozinho, exemplo: ir ao médico sozinho, sem precisar da ajuda de outra pessoa.

A fala dos alunos deixa clara a preocupação que eles têm com seu futuro, ambos querem cursar uma faculdade e desejam melhorar a comunicação com os ouvintes. Um deles mostra o desejo que tem de ser uma pessoa independente, de resolver seus problemas sozinho, sem ter que esperar por um familiar ou outra pessoa que possa ajudá-lo em tarefas simples como ir ao médico.

6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa nos mostra que ainda há muito que avançar quando o assunto é português como L2 para surdos. Mesmo tendo conquistado alguns avanços o surdo não está tendo a educação que deveria ter.

Devido à falta de conhecimento tanto da família quanto dos professores, muitos insistem em tratar o sujeito surdo da mesma forma que um sujeito ouvinte, desde a educação familiar até a educação na escola. Infelizmente o número de professores e pais que possuem o conhecimento da língua de sinais é insuficiente, o que contribui para uma aquisição tardia da

primeira língua, e o mau avanço no ensino – aprendizagem da língua portuguesa.

Notamos que os alunos têm consciência a respeito da importância da língua portuguesa, e demonstram certo interesse para aprender esta língua, mas a falta de estímulo faz com que eles desistam diante da dificuldade, determinando a leitura como um processo cansativo e enjoativo. Chama à atenção a preocupação que os surdos demonstraram quando questionados sobre a importância da L2, todos querem melhorar a comunicação com os sujeitos ouvintes.

Lamentavelmente não vemos essa preocupação por parte da maioria dos ouvintes para com os surdos, a prova disso é a falta de conhecimento a respeito da língua de sinais, e a carência de professores habilitados para trabalhar nessa área. Este ano a Lei 10.436 completou 16 anos que foi aprovada, é notável que houvesse muitas mudanças após a aprovação da lei, mas mesmo assim ainda é necessárias melhorias.

É preciso quebrar essa mistificação de que ensino de português é apenas ensino de regras gramaticais, de aquisição de vocabulário. Se para o ouvinte aprender as regras gramáticas é algo cansativo, sendo que o mesmo tem esta língua como primeira, não tem como para o surdo ser algo fácil, o ensino de português vai muito além, principalmente para os surdos que veem esta língua como uma forma de melhorar a comunicação dentro da comunidade ouvinte.

No caso do surdo o português vai muito além do escrever certo ou errado, de usar o verbo corretamente ou não, é sabida a importância de uma boa escrita, mas para quem está adentrando nesse conhecimento vale mais a compreensão do que está escrito do que a boa forma de escrever, necessário valorizar os acertos e não os erros.

Assim como acontece com o ouvinte, o surdo só conseguirá melhorar sua escrita, lendo. É de suma importância que o aluno tenha contato com o livro para que passe a observar a estrutura do texto, a organização das palavras, para verificar se conhece ou não alguma das palavras escritas.

Os professores precisam repensar suas metodologias, é impossível ensinar para um surdo da mesma forma que ensina para o ouvinte, são pessoas diferentes, com culturas e identidades diferenciadas.

Não adianta cobrar uma boa escrita dos surdos sem que os professores deem suporte para que isso aconteça. O ensino de português para surdos é um processo lento, mas não é impossível de acontecer.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6021**: informação e documentação: publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.

_____. **NBR 6022**: informação e documentação: publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, nov. 2003.

_____. **NBR 10520**: apresentação de citações em documento: apresentações. Rio de Janeiro. abr. 2011.

MOUSINHO, Renata (2008). *Aquisição e desenvolvimento da linguagem: Dificuldades que podem surgir neste percurso*.

LACERDA, Cristina B. F. de (1998). *Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos*.

GESSER, Audrei (2009). *LIBRAS? Que língua é essa?*

OLIVEIRA, Alzenira Aquino de. *Metodologia do ensino de português para surdos*.

QUADROS, Ronice Muller de (2006). *Ideias para o ensino de língua portuguesa*.

FERNANDES, Eulália (2012). *Surdez e bilinguismo*.

AVELAR, Thais Fleury e FREITAS, Karlla Patrícia de Souza (2016). *A importância do português como segunda língua na formação do surdo*.

SANTANA, Ana Paula e BERGAMO, Alexandre (2005) *Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas*.

APÊNDICE

Questionário aplicado na entrevista

- 1- Idade?
- 2- É filho de pais surdos ou ouvintes?
- 3- Com quantos anos teve contato com a LIBRAS?
- 4- Sua família domina a língua de sinais ou sabe apenas o básico?
- 5- Você aprendeu a LS com a família, na escola ou com amigos?
- 6- Estudou os primeiros anos em escola inclusiva (junto com ouvintes) ou escola bilíngüe (só com surdos ou professores que sabiam Libras)?
- 7- Com quantos anos teve contato com a Língua Portuguesa?
- 8- Para você foi fácil ou difícil aprender essa língua?
- 9- Qual a importância que ela tem para você?
- 10- Sua família lhe estimula para que você aprenda a LP?
- 11- Qual o método que você utiliza para estudar em casa? Tem ajuda da família?
- 12- Gostam de ler?